

O que dá medo não é frágil. O que dá medo é força.

Em julho de 2015, embarcamos para uma experiência de um ano e meio na Alemanha, para participar de um programa chamado “German Chancellor Fellowship”, da Fundação Alexander von Humboldt, instituição do governo alemão para apoio à pesquisa. Viemos com a proposta de intercambiar ideias com organizações alemãs, nos nossos casos um museu, uma ONG e uma universidade, na perspectiva de construirmos pontes entre Brasil e a Alemanha. Nossos projetos passam por temas como democratização na mídia, arte, justiça ambiental e mudanças climáticas. Percebemos que nossos objetivos são similares: A construção de espaços e uma sociedade mais equitativa, justa e que valorize a diversidade.

Sáímos de um Brasil onde Dilma Rousseff era a presidente e a crise econômica já era anunciada. Onde Eduardo Cunha mandava e desmandava em projetos que iam contra várias conquistas sociais históricas dos últimos anos. Mas ainda um país de debates e cotidiano intensos, onde a diversidade estava gritando contra a homofobia, o machismo, o classismo, o racismo. Reivindicando políticas públicas, espaço de produção de conhecimento, de arte, lutando por direitos. Criando. Um país onde havia espaço para a troca de ideias, apesar de todas as dificuldades, contradições e uma estrutura desigual mantida.

De longe, mas não à distância, vimos o Brasil se dividir em faixas mais polarizadas do que a realidade em si. A mídia tradicional foi criando uma imagem de divisão entre uniformes amarelos e bandeiras vermelhas. O PT, partido em governo, foi transformado numa espécie de inimigo único, de acordo com uma síndrome justiceira cega para qualquer contradição e para outros problemas que perpassam todos os partidos antigos no país. A justiça se evidenciou seletiva em todos os níveis. A resposta fácil foi oferecida à população que precisa de uma ilusão de melhora urgente e rápida. Esconderam-se outros escândalos dos governos anteriores. Como resultado, a corrupção que faz parte das estruturas mais antigas do país tomou o poder. O cenário mostrou também um elemento que a população nem conhecia ao certo, silencioso que integra todas administrações há décadas: PMDB. MDB, fundado em março de 1966, fruto da extinção dos outros partidos e criado como partido de oposição, amenizando a ditadura. Presidido primeiramente por um general. E agora oficialmente na presidência.

Assistimos nesse período na Alemanha à criminalização da esquerda como um todo e junto com ela, também de lutas por direitos. À vida, à terra, à água, o direito a desejar mudanças para a maioria. Até mesmo o pensamento crítico nas escolas foi marginalizado com o nome Escola sem Partido. Produziram-se mais extremismos, aguçando uma linha imaginária divisória sem espaço para complexidade. Uma linha grosseira de pensamento. Feminismo virou xingamento, tentam dizer que racismo é coisa do passado, em um mito de democracia racial. Homofobia virou projeto de lei e se chama Estatuto da Família. Aos poucos, a diversidade brasileira que faz parte da nossa vinda para a Alemanha, dos nossos projetos e sonhos, da qual falamos orgulho, apesar dos desafios, foi se dissolvendo das notícias, das timelines, grupos de Whatsapp em todos os espaços de diálogos mais amplos. A luta virou contra o retrocesso. Para barrar mais quedas de direitos. Alertas diários. Estamos em uma guerra de narrativas, que mata mulheres todos os dias na ausência da garantia de direitos. E qualquer ambiente que reúne pessoas de pensamentos um pouco distintos se tornaram campos de batalhas, como se diálogo não fosse mais possível.

Ao mesmo tempo, aqui na Alemanha, víamos a situação da chegada de refugiados se intensificando. Barcos e mais barcos naufragando vidas. Um milhão de pessoas chegando à União Europeia fugindo de guerras, de regiões arrasadas por projetos de desenvolvimento, de perseguições políticas, da falta de garantia do direito à sexualidade. Maioria recebida pela Alemanha. No total, 17% delas mulheres. Refugiadas e imigrantes gritando a desigualdade que atravessa relações entre continentes, que as violenta nessa travessia. A política de acolhimento da chanceler Angela Merkel sendo discutida por toda população e muitas vezes criticada por

uma grande parcela de perspectiva segregadora que estava enrustida desde a vergonha pós-nazista. A extrema direita se sentiu à vontade aqui também para sair às ruas, para erguer a voz, mesmo que ainda com uma resposta contrária maior, causando muito mais constrangimento alheio que empatia. Ainda assim, causando alerta geral.

Nesses momentos turbulentos, houve situações em que ouvimos que não tínhamos “propriedade” de opinar sobre o que passava no nosso país, já que não estávamos lá para vivê-lo. Especialmente, claro, se não estivéssemos de acordo com posicionamento político do interlocutor. Apesar de termos acesso a informações de ângulos diversos que no Brasil não se via. Apesar da vontade de trocar, de somar, sem passar por cima. Fomos muitas vezes atropeladas por falas dessa unidade perigosa que se tenta criar no Brasil. Por outro lado, em relação a alguns alemães a desqualificação também valia, já que não nascemos aqui para entender a realidade e história dura desse país. Mesmo estando no lugar que dialoga com imigrantes. Mesmo vivendo em solo germânico. Como se fronteiras invisíveis pudessem construir muros. Quando a vontade é fechar perspectivas, o diálogo acaba. Há cada vez mais gente que parece não querer escutar.

Entretanto, como mulheres já somos ainda mais afetadas pelos retrocessos, por esse avanço assustador do conservadorismo por todos os lados. Não só no Brasil, mas pelo mundo. E como mulheres sentimos, queremos, buscamos mudanças nesse modelo de sociedade. Por isso, nos calamos e ficamos como espectadoras nunca foi uma opção.

Falamos de feminismo se tornou algo tratado como ofensivo. Um exemplo recente é o que aconteceu na eleição norte-americana em que a candidata do partido democrático, Hillary Clinton, perdeu votos não por ser mulher, mas por ser considerada feminista. Talvez por isso, é importante continuar lutando por ideais que se clamaram urgentes, ainda na metade do século 20 após o colapso mundial que foi a segunda guerra. As mulheres da geração pós-guerra foram as primeiras que tiveram oportunidade de ter escolhas. Que tiveram espaço para desejar e para protagonizar. Escolher o que fazer, a quem amar, se casar e quando (e se) ter filhos. A nossa geração é a primeira descendente de mulheres que puderam querer. Por que, então, essa criminalização social e emocional da mulher consciente de si, daquela que sabe do que é capaz, dos movimentos que exigem direitos iguais e a mesma liberdade da qual os homens gozam por tanto tempo? Qual o objetivo de tanto empenho para abafar a nós mulheres? E qual o motivo dessa raiva quando elas ocupam o cargo mais importante dos países, como Dilma e Merkel?

Afastada do cargo para o qual foi eleita pela maioria dos brasileiros, Dilma Rousseff discursa para uma multidão, logo após sua saída do Palácio do Planalto, em 12 de maio de 2016. É o registro que Gabriela Noujaim nos traz. Uma fotografia lotada de mulheres, na qual as retratadas não fazem pose para as lentes da câmera, mas sim miram cada uma o seu olhar para o olhar da outra. Contraponto com o documento oficial do governo que estava por vir e golpearia especialmente às mulheres já no momento de sua existência.

Homens brancos, todos os membros do governo Michel Temer. A foto do governo que não deixa fugir, como um tapa. Um escárnio com a ideia de ser mulher e com as diferenças que compõem os 200 milhões da população brasileira, mestiça por natureza, mulher em sua metade. A esmagadora maioria da população varrida da representatividade por votos que nunca existiram. Mais em branco que o voto em branco. Sem NENHUMA mulher ministra, foto que não existia desde a ditadura militar sob poder de Geisel. Mas agora em 2016.

Donos de grandes latifúndios, em defesa do próprio poder e da reprodução do poder de poucos, em um país onde milhões de pessoas vivem com menos de um salário mínimo (que querem reduzir) para alimentar uma família onde comem 10, 15 e mais se outros precisarem. Mistura de 20 anos de ditadura com outros 500 anos de divisão imparcial de terras. Alguns dos ministros empossados investigados por esquemas de corrupção, fruto de um impeachment cujo mote foi a corrupção.

Apagão. Apostam num apagão histórico na cabeça da população. Baixam Medida Provisória sobre quem constrói propostas de educação há anos, a PEC 55 do congelamento de gastos públicos. Apagam história. Querem apagar a colonização. Transformaram Secretaria das Mulheres em vigilância sobre nossos corpos. Sumiu o Ministério do Desenvolvimento Agrário, o das Mulheres, Igualdade Racial, Juventude e Direitos Humanos. Mais clareza impossível. Todos afetando diretamente as mulheres, aquelas que são maioria na agricultura familiar, chefes de famílias no país inteiro, que passam mais fome, que ainda precisam tanto de garantia de direitos que por tanto tempo foram negados por uma sociedade dominada pelo masculino. Apagam ação para transformar novamente em servidão. Tomar conta da nação.

Mas o que está conquistado não volta. Apaga e de novo se acende. Apaga e de novo se escreve. Memória coletiva que resiste. Identidade que custou, todas as identidades que custaram corpos, ideias, embates, debates. A diferença que está em mil. Mulher só, mulher casada com outra mulher, mulher sem filhos, mulher chefe, mulher em todos os lugares em união. Sendo, pensando, criando. Mulheres brigando contra a escravidão. Aparente sem ser vista na foto do governo, empurrada goela abaixo, de uma vez só. Sensação de prisão de ideia, mordada.

Mas que medo tão imenso é esse? Que medo imenso de seres que tentam dizer tão frágeis? Se fossem frágeis, por que medo? Frágil é slogan, é força de dominação. É propaganda dia a dia de que a força da mulher se desfaz em lágrimas.

Força.

O que provoca medo não é fragilidade. O que dá medo é força. Mulheres pensando e criando, modificando a sociedade em voz alta. Transformando com sua própria presença onde não eram admitidas. Fora das senzalas, das cozinhas, dos cantos, dos prenomes de sra fulana de algum senhor. Apropriadas de ancestralidade, mulheres que reivindicam raça, gênero, sexualidade, transsexualidade. Um ser mulher que invade tudo.

E como manter o suporte do latifúndio, do capital, de acumulação, de heróis e não de heroínas, protagonistas da cama ao Congresso Nacional? Como sustentar essa estrutura se existem mulheres juntas nessa potência toda que mudam políticas e impugnam esqueletos de uma sociedade antiga?

O que dá medo é essa força.

**Camila Nobrega, Caroline Menezes e Evelyn Araripe são feministas e bolsistas do programa "German Chancellor Fellowship for Tomorrow's Leaders".*

Camila Nobrega é jornalista e ativista pelo direito à comunicação. Na Alemanha desenvolve um projeto sobre conflitos socioambientais e discursos de mídia no Centro de Ciência Política da Universidade Livre de Berlim.

Caroline Menezes é crítica e curadora de arte. Na Alemanha desenvolve um projeto para promover colaborações artísticas entre Brasil e países de língua alemã no ZKM | Zentrum für Kunst und Medien Karlsruhe.

Evelyn Araripe é jornalista e educadora ambiental. Na Alemanha pesquisa metodologias que ajudam a falar sobre mudanças climáticas com crianças e jovens e também escreve histórias de mulheres engajadas em justiça ambiental no blog Ela é Quente, elaquente.org.